

A construção da personagem feminina na obra *Esparadrapo*, de Daniel da Rocha Leite

*The construction of the female character in the work *Esparadrapo*, by Daniel da Rocha Leite*

Patrícia Sautiro Fernandes¹

Socorro Helení Velasques Gonçalves Ferreira Lima²

Larissa Gotti Pissinatti³

Resumo: O propósito deste trabalho é analisar as imposições das figuras masculinas sobre a formação da identidade da personagem Beatriz na obra de Daniel da Rocha Leite, intitulada *Esparadrapo* (2021), investigando, com base na abordagem crítica dos estudos pós-coloniais/decoloniais, o comportamento dessa personagem diante da sociedade contemporânea que continua com posturas patriarcais. A protagonista da narrativa em questão é moldada de forma desafiadora diante das figuras masculinas, apresentando elementos que caracterizam uma postura descolonizadora das atitudes machistas. Utilizamos argumentos, principalmente, de Edward Said, Albert Memmi para os estudos pós-coloniais e María Lugones e Françoise Vergès para os estudos do feminismo decolonial, a fim de identificar as posturas machistas/colonizadoras em relação à personagem Beatriz, assim como, sua atitude descolonizadora diante da tentativa de dominação e opressão. Os resultados apontam a literatura infanto-juvenil amazônica como espaço de representação da mulher que subverte os estereótipos vinculados ao patriarcalismo. Essa literatura também pode ser ferramenta para que novos caminhos sejam abertos em direção a uma educação com equidade e não discriminatória.

Palavras-Chave: Literatura infanto-juvenil; Gênero; Mulher; Amazônia.

Abstract: The purpose of this is to analyze the impositions of male figures on the formation of the identity of the character Beatriz in Daniel da Rocha Leite's novel *Esparadrapo* (2021), investigating, based on the critical approach of postcolonial/decolonial studies, the behavior of this character in the face of contemporary society, which continues to have patriarchal attitudes. The protagonist of the narrative on question is shaped in a defiant way in the face of male figures, presenting elements that characterize a decolonizing posture of male chauvinism. We used arguments mainly from Edward Said and Albert Memmi for post-colonial studies, and María Lugones and Françoise Verges for decolonial feminism studies, in order to identify the male chauvinism/colonizing attitudes towards the character Beatriz, as well as her decolonizing attitude in the face of attempted domination and oppression. The results point to Amazonian children's literature as a space for representing women

¹Mestranda do Mestrado Acadêmico em Estudos Literários – PPGMEL-UNIR. E-mail: patriciasautiromel@gmail.com . Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-3642-7427>.

² Mestranda em Estudos Literários – PPGMEL (UNIR). E-mail: socorroheleni@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-2339-6842>.

³ Professora adjunta lotada no Departamento Acadêmico de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia e do Programa de Pós-graduação Mestrado em Estudos Literários - PPGMEL/UNIR. E-mail: larissa.pissinatti@unir.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7964-7063>.

who subvert stereotypes linked to patriarchy. This literature can also be a tool for opening up new paths towards an equitable and non-discriminatory education.

Keywords: Children's and youth literature; Gender; Women; Amazon.

Introdução

A literatura para a infância oferece um amplo campo de possibilidades de estudos relevantes para a sociedade e no âmbito acadêmico ela também tem sido analisada e explorada de diversas maneiras.

Os Estudos Decoloniais investigam as relações de poder advindas da colonização na América Latina. A literatura para infância da região amazônica vem recebendo atenção crescente, contribuindo com inúmeras possibilidades de pesquisa para discutir diversas temáticas importantes, como a representação feminina, por exemplo. Com base na abordagem crítica dos Estudos Decoloniais, este trabalho tem por objetivo analisar as evidências de atitudes descolonizadoras da personagem protagonista Beatriz na obra *Esparadrapo* (2021) de Daniel da Rocha Leite. Para tanto, este estudo se pauta nos argumentos de pesquisadoras e críticas decoloniais, como por exemplo, María Lugones, Françoise Vergès, Susana Bornéo Funck, Chimamanda Adichie, dentre outras. Além disso, utilizaremos os argumentos de Nelly Novaes Coelho e Regina Zilberman para aprofundar a discussão no que se refere à literatura infantojuvenil.

Daniel da Rocha Leite, escritor amazônida, tem enriquecido a literatura brasileira com diversas obras para a infância. São enredos interessantes e envolventes que além de cativar o público em geral têm sido escolhidos como *corpus* de pesquisas acadêmicas que oferecem elementos significativos para análises sobre diversos campos de estudos.

Nosso estudo apresenta também, além da análise proposta, considerações reflexivas sobre a importância de representações femininas descolonizadoras em obras infantojuvenis. Tal representatividade, contribui significativamente para a desconstrução de estereótipos negativos relacionados à mulher, um assunto de extrema relevância, mesmo para leitores em início de formação.

1 O caminho da literatura para a infância no Brasil

Diferente do contexto histórico europeu de Reforma Religiosa, em que a literatura destinada às crianças tinha princípios morais e cristianizadores, e que, a exemplo dos contos como Cinderela, A Bela Adormecida e Chapeuzinho Vermelho, as protagonistas eram delicadas e vulneráveis e tinham suas vidas permeadas por decisões masculinas, a Literatura Infantil no Brasil começa a se desenvolver sob outros aspectos. Em 1886, Júlia Lopes de Almeida faz sua primeira contribuição para a literatura infantil com *Contos Infantis*, obra destinada à diversão e à instrução das crianças.

Um ano depois, em 1897, Zalina Rolim participava do movimento feminista de São Paulo e teve o *Livro das Crianças* publicado pelo governo de São Paulo que se tornou um sucesso na literatura escolar da época. Em 1908, Presciliana Duarte de Almeida, importante divulgadora de ideias feministas e educacionais, escreveu *Páginas Infantis*. Mas essas produções eram pedagogizantes, livros de leitura.

Somente a partir de 1920, com Monteiro Lobato, se consolida uma Literatura Infantil Brasileira (COELHO, 1991). Lobato, através de obras como *Reinações de Narizinho* e da personagem Emília, apresenta ao público brasileiro narrativas que zelam por personagens curiosas, ativas e questionadoras, trazendo em suas produções cenários tipicamente brasileiros e folclóricos nacionais, mas que também desafiavam a moral da época, conforme afirma Coelho (1991, p. 225), “rompe, pela raiz, com as convenções estereotipadas e abre as portas para as novas ideias e formas”.

A partir da década de 70, os estudos sobre a literatura infantil se intensificam e a produção começou a aumentar, nascendo obras sobre os mais variados temas e destinadas às várias faixas etárias, ainda que certos temas como morte, sexualidade e amor fossem mascarados ou nem citados nessas produções. De acordo com Zilberman e Magalhães (1987, p. 145) “A literatura infantil, com a obra de Lobato, já havia conferido à criança um lugar central, respeitando seu mundo e fornecendo padrões de interpretação que visam integrá-la num contexto cultural”.

Atualmente, obras como: *Já Estavam no Ventre da terra*, *A Menina Árvore* e *Burburinho* de Daniel da Rocha Leite e *O Sonho de uma Menina*, de Esmeraldinha Ramos são produções nacionais com enredos destinados às crianças e pré-adolescentes que trazem

consigo temáticas sociais importantes e através de suas ilustrações estimulam a imaginação, a criatividade e a afirmação de suas identidades.

Enfim, o que define a contemporaneidade de uma literatura é sua intenção de estimular a consciência crítica do leitor; levá-lo a desenvolver sua criatividade latente; dinamizar sua capacidade de observação e reflexão em face do mundo que o rodeia; e torná-lo consciente da complexa realidade em transformação que é a sociedade, onde ele deve atuar, quando chegar a sua vez de participar ativamente do processo em curso (COELHO, 1991, p. 134-135).

Diante do exposto, convém destacar que as obras de literatura para a infância são produzidas por adultos e evidenciam relações de poder com suas hierarquias e ideologias. Dessa forma, é imprescindível observar a criança, que é receptora dessas ideias e pensar o quanto os impactos que a representação de atitudes patriarcais estão relacionadas a atitudes colonizadoras. Isso pode ser observado, por exemplo, na composição das personagens femininas nas obras de Lygia Bojunga:

Na obra de Lygia Bojunga Nunes, a integração no contexto social depende da construção da identidade; esta não é uma dádiva pré-moldada, mas uma conquista penosa através de um processo psicossocial. Um aspecto indissociável do outro, a interação na sociedade não pode ocorrer independentemente do conhecimento e assunção de si mesmo. Sendo a personalidade uma construção, nenhuma personagem é estereotipada, não há padronização de pessoas ou comportamentos e, se são referidos, é para a importância da liberação de qualquer estado prefixado. (ZILBERMAN e MAGALHÃES, 1987, p. 146).

Nesse seguimento, a investigação proposta neste trabalho, volta-se para a análise da constituição da protagonista na narrativa de Daniel da Rocha Leite, *Esparadrapo*, a personagem Beatriz. O estudo tem como foco a figuração da mulher, através dos atributos presentes na personagem principal, como a coragem, questionamentos, esperança e a prática do futebol, encarado por outros personagens como um “esporte para meninos”.

Em *Para Educar Crianças Feministas – um manifesto*, Chimamanda Ngozi Adichie traz a cultura nigeriana para o debate e revela que as meninas africanas vivem dificuldades parecidas com as de Beatriz:

Uma jovem nigeriana uma vez me contou que passou muitos anos se comportando “como menino” – gostava de futebol e não achava graça em vestidos –, até que a mãe a obrigou a abandonar seus interesses “de menino” e agora ela agradece à mãe por ajudá-la a começar a se comportar como menina. A história me deixou triste. Fiquei imaginando o que ela teve de abafar e silenciar dentro de si, o que sua personalidade perdeu, pois aquilo que a moça chamava de “se comportar como menino” era, na verdade, se comportar como ela mesma (ADICHIE, 2017, p. 37).

Percebe-se, contudo, que a personagem Beatriz de *Esparadrapo* tenta desconstruir ao longo da narrativa a imagem que os homens que a cercam têm dela. Torna-se, então, uma personagem com comportamento que desafia a lógica da relação masculino-feminino (LOURO, 2010). Como no trecho em que acena sua postura para o irmão:

Beatriz sorriu para o irmão e fez-se palavras:

- A gente só sabe flutuar quando algo é bom para a gente.
- Olha... Bia, sossega, eu estou de olho. Olha lá... cuida de ti.
- Eu também tenho o meu olho... e eu sei olhar. Boa aula, mano (LEITE, 2021, p. 32).

Pelo exposto acima, é possível observar o comportamento de Beatriz como desafiador e questionador, pois apresenta-se como uma mulher problematizadora e empoderada que contrapõe as atitudes machistas das personagens no decorrer da narrativa.

Daniel da Rocha Leite é um autor importante para o cenário da literatura para a infância, pois agracia os leitores com personagens que estão livres de estereótipos, não só em *Esparadrapo*, mas em outras obras, como em *Invisibilidades* que traz uma coletânea de contos em que os sujeitos são construídos em enredos envolventes nas situações cotidianas humanas.

2 *Esparadrapo*: uma literatura para a infância de autoria amazônida

Atualmente tem ocorrido um crescimento na literatura escrita por autores amazônidas, tais literaturas têm conquistado seu espaço e reconhecimento no campo literário. Vozes que antes eram ignoradas hoje retratam a realidade em suas obras, a partir de suas perspectivas de forma autônoma, como por exemplo, as escritas por autores indígenas:

Atualmente, uma mudança fundamental está ocorrendo no campo dos imaginários, pois os indígenas começam a escrever e publicar seus próprios

textos para conhecimento do grande público. Já não precisa, de intermediários. Não existe mais o escrito que interpreta, representa, reivindica ou traduz suas palavras; não há mais a antiga necessidade do antropólogo ou intelectual que autorizava a palavra indígena. Nesse terreno, essas sociedades começaram a se autorizar por elas mesmas, o que representa uma mudança fundamental [...] (PIZARRO, 1941, p. 225).

O interesse por obras de expressão amazônica tem aumentado nos últimos anos, ressaltamos que a autoria amazônica não necessariamente se restringe a obras escritas por autores indígenas, mas pessoas que vivem na região amazônica e possuem uma identidade cultural que se diferencia de outras regiões do nosso país, abordando temáticas que tocam questões pertinentes ao processo histórico-cultural da região. Dentre as temáticas de destaque, temos a pluralidade cultural de povos indígenas, a conscientização em relação ao clima e ambiente, a biodiversidade, a colonização, a migração, entre outras temáticas muito relevantes, porém, é importante ressaltar que a literatura de expressão amazônica não se resume a essas temáticas. Esses autores, também apresentam temas fraturantes, ultrapassando os limites geográficos, como é o caso do tema em questão aqui: as relações de gênero.

A obra *Esparadrapo*, enquanto literatura para a infância, aborda as relações de gênero e pode ser acessada tanto pelo público infantojuvenil, quanto pelo público mais adulto, pois trata com complexidade a temática, ao mesmo tempo que possui uma linguagem, como diz Drumond (2007, p. 146), “sem matéria de escândalo”, narrando os desafios enfrentados pelo universo feminino na pré-adolescência. Apesar de ter uma proposta de leitura visual e textual, nos deteremos nesse estudo, nas evidências de colonização e descolonização presentes na proposta textual da obra.

Tendo em vista que no decorrer do processo de colonização da Amazônia, a mulher passa por uma árdua trajetória de conquista de sua emancipação cultural, sexual e política, essa conquista é contínua, contudo, a literatura pode contribuir para esse processo de reconhecer as relações de poder nas relações de gênero, aguçando, ainda na infância, como diz Freire (1989), os sentidos de mundo e para fazer isso, precisamos da leitura da palavra, através do texto literário.

Nessa perspectiva, Daniel da Rocha Leite tece em *Esparadrapo*, a narrativa de uma jornada surpreendente, na qual a personagem principal, Beatriz, nos faz refletir sobre igualdade, discriminação e empoderamento. Dessa forma, há uma desconstrução de

estereótipos e visões colonizadoras sobre a mulher durante a narrativa. Conforme Funck (2011),

[...]. Se somos as histórias que nos contam – tanto no sentido de que elas nos representam quanto no de que são contadas para nós – então as narrativas podem se tornar uma fonte de identificação. Essa “outra mulher” que habita os textos é um repertório de possibilidades e perigos para o projeto feminista (FUNCK, 2011, p. 72).

A modernidade, a partir do projeto de exploração e colonização dos povos, desenvolve de forma refinada, ao longo dos tempos, a dicotomia entre homem/mulher, apresentando nas relações de gênero atitudes de tensão que, por sua vez, são estruturadas em relações de poder e dominação do homem em relação à mulher, estabelecendo características para a mulher que a exclui de diversas atividades e/ou a invisibiliza frente às atividades do homem.

Nesse sentido, a abordagem crítica do “feminismo decolonial” (LUGONES, 2014), oriunda dos estudos decoloniais na América Latina, tem como proposta problematizar as relações de poder nas relações de gênero, a partir da realidade da América Latina, ou seja, questionar e refletir sobre a mulher e as relações de poder que são engendradas através de atitudes insistem em repetir um sistema colonizador e opressor com atitudes patriarcais e machistas. Por isso, problematizar essas relações de poder, considerando as posturas colonizadoras nas relações de gênero, proporciona o engendramento de um processo de descolonização da mulher. Sobre isso, Lugones (2014), afirma que:

Descolonizar o gênero é necessariamente uma práxis. É decretar uma crítica da opressão de gênero racializada, colonial e capitalista heterossexualizada visando uma transformação vivida do social. Como tal, a descolonização do gênero localiza quem teoriza em meio a pessoas, em uma compreensão histórica, subjetiva/intersubjetiva da relação oprimir [...] resistir na intersecção de sistemas complexos de opressão (LUGONES, 2014, p. 940).

Dessa forma, podemos considerar que o feminismo decolonial aborda as relações de poder nas relações de gênero, na busca de superar a colonialidade de gênero, compreendendo a mulher na sua dimensão histórica e intersubjetiva, compreendendo as tensões que se constituem poderes e ferramentas de opressão para dominar e inferiorizar a mulher. Ainda conforme Lugones (2014), as relações colonizadoras de gênero hierarquizam práticas e

desenvolvem normas que práticas que são consideradas incompatíveis para determinado gênero. Essa prática constitui a colonização de gênero que estrutura, na forma de dominação atitudes que subjagam ou incapacitam a mulher para determinadas atividades.

Nesse sentido, a obra *Esparadrapo*, pode ser relacionada às noções do “feminismo decolonial” (LUGONES, 2014), ao evidenciar na personagem protagonista Beatriz a subversão de práticas hierarquizadas historicamente pelo machismo, como incompatíveis com atividades de uma mulher. Veremos a seguir, como a narrativa evidencia aspectos de colonização e problematiza as relações entre homem/mulher, possibilitando um processo de decolonialidade nas relações de gênero.

3 Beatriz em *Esparadrapo*: evidências do feminismo decolonial

Na obra, a protagonista Beatriz apresenta características típicas da idade e, frente às situações que a rodeiam, sejam elas familiares ou sociais. Dessa forma, buscamos analisar como essa personagem é construída e de que maneira insere elementos descolonizadores com características emancipatórias na figura da mulher.

Partiremos da perspectiva decolonial, pois apresenta estudos sobre as representações colonizadoras e descolonizadoras, incluindo a questão da igualdade de gênero e da valorização da mulher. Na obra, a personagem se movimenta no enredo de forma desafiadora, diante das figuras masculinas do meio social onde vive. Isso pode ser observado na situação em que pai e o irmão estão assistindo ao jogo de futebol pela televisão:

Na outra noite de jogo de futebol em casa, pai e filho à frente da televisão, Beatriz, no sofá da sala, tomou um lugar entre eles e assistiu à partida. Ao final, o pai comentou:

- Eu não sabia que entendia tanto de futebol, Bia.

Ela, já pensando no lençol-imaginante, respondeu:

- E vocês não entendem nada de bicho-carpinteiro (LEITE, 2021, p. 41).

Beatriz responde o questionamento do pai em relação ao futebol de forma destemida, tal característica pode ser interpretada como coragem e confiança em suas próprias ideias e convicções sobre si. Isso significa que ela não tem medo de expressar o que pensa, mesmo que seja uma opinião contrária à do pai.

A pergunta, mesmo de forma implícita, revela um tom machista de que mulher não entende ou não deveria entender de um esporte que é considerado “de menino”. A

personagem, no entanto, não se posiciona como alguém subjugada, ao contrário, responde, afirmando sua posição tão capaz e participativa quanto do gênero oposto.

Beatriz gosta de futebol, este esporte é um elemento marcante que permeia toda a narrativa da história, desde seu início. Na primeira cena descrita no livro, o irmão e o pai estão presentes na sala assistindo a uma partida de futebol quando iniciam uma conversa sobre “Bia” que segundo seu irmão estaria com um “bicho-carpinteiro”. Ao decorrer da história percebe-se que esta expressão se refere a um sentimento.

Posteriormente há um outro trecho em que Beatriz e seu irmão estão a caminho da escola, os dois têm uma conversa sobre um garoto chamado Bruno, que costumava ser companheiro dela no time de futebol da escola. O irmão, com ciúmes, menciona que Bruno era o “bicho-carpinteiro” da irmã e diz em tom de advertência para ela se cuidar “- Olha... Bia, sossega, eu estou de olho. Olha lá... cuida de ti” (LEITE, 2021, p. 32). Nesta passagem é evidenciado, através da fala do irmão, um olhar machista colonizador sobre a menina. O fato de ser mulher implica, numa perspectiva machista a demanda de certas posturas e o impedimento de outras. Nesse sentido, Funck (2011), assevera que:

O problema, portanto, não é efetivamente a diferença em si, a diferença entre mulheres e homens. O problema é a diferença vista como sendo da mulher em relação ao homem. É o modo pelo qual a diferença é apreendida e tratada como imperativa e essencial. É a forma pela qual ela afeta nossos modelos de conhecimento e de relacionamento, com vantagens para alguns e desvantagens para outros (FUNCK, 2011, p. 69).

Mesmo que a atitude do irmão tenha sido motivada por um sentimento de proteção, sua fala soa colonizadora transmitindo a ideia de “instinto masculino de proteção”, revelando uma tentativa de definição e limitação da mulher em relação ao homem. No entanto, a menina mais uma vez retruca de forma autônoma, na qual evidencia-se uma concepção de igualdade em relação à capacidade de se proteger, que independe do gênero: “- Eu também tenho o meu olho... e eu sei olhar. Boa aula, mano” (LEITE, 2021, p. 32).

Ao responder seu irmão, a menina mostra que é capaz de se proteger e cuidar de si mesma, ela não aceita a ideia de que precisa de proteção ou supervisão dele, demonstrando confiança e capacidade de forma independente. Com essa atitude, Beatriz evidencia uma postura descolonizadora de uma perspectiva machista, em que a mulher é frágil, delicada e precisa ser protegida pelo homem.

No decorrer da narrativa, descreve-se o quanto Beatriz é boa no futebol, suas qualidades quanto ao esporte são destacadas e enaltecidas: “[...] Ela era ela: jogava futebol e bem. Sabia dos dribles do corpo, sabia do tempo da bola, sabia quase parar no ar, outro jeito de flutuar, esperar a bola, cabecear e gol... golaço de Bia. [...]” (LEITE, 2021, p. 34).

Este é um aspecto que rompe com o estereótipo de que menina não deve jogar bola e ainda é destacada a questão da igualdade. Beatriz não é descrita como uma menina limitada, ao contrário ela é igualmente ou até melhor na habilidade em relação à Bruno no futebol.

Aos poucos, Bruno começa a demonstrar características machistas e agressivas. Em uma conversa com ela, ele debocha de suas habilidades dizendo: “- Isso não é pra ti, garota! Futebol não é para menina” (LEITE, 2021, p. 35). Outrossim, podemos ler *Esparadrapo* como uma literatura que vai na direção do feminismo decolonial, pois a obra expressa um discurso que coloca a personagem principal, numa condição de busca por sua autoafirmação como ser emancipado:

Os feminismos de política decolonial não têm por objetivo melhorar o sistema vigente, mas combater todas as formas de opressão. Justiça para as mulheres significa justiça para todos. Eles não cultivam esperanças ingênuas, não se alimentam do ressentimento ou da amargura (VERGÈS, 2020, p. 42).

Essa narrativa nos demanda a reflexão sobre a importância de desafiar estereótipos de gênero e dar espaço para que todos expressem sua paixão e talento nas áreas que desejarem, especialmente no que se refere às meninas em formação, ultrapassando a categoria “mulher” como determinismo biológico para definir as atividades que elas podem ou não realizar e ir ao encontro de um feminismo decolonial atribuindo noções de direitos das mulheres (VERGÈS, 2020) para que cresçam seguras de suas escolhas e emancipadas em suas relações sociais.

Diante do comportamento machista de Bruno, a narrativa desconstrói, através das falas e atitudes de Beatriz, os padrões pré-estabelecidos pela sociedade em que os dois personagens vivem.

[...]Ela, Bia, desgostava dele. Devia existir um outro Bruno, um bicho-carpinteiro bom; ela pensou, teve certeza: assim a vida flutuava. Tinha de ser um outro Bruno, ou outro bicho-amor, um bicho bonito com outros gestos e com outras palavras que não deixassem dores na respiração e machucados na pele e nos pensamentos (LEITE, 2021, p. 36).

Beatriz demonstra uma atitude descolonizadora, pois não aceita e nem tolera o comportamento machista de Bruno. Ela não desiste de sua maior paixão, o futebol, e nem se deixa abalar de forma negativa. Em vez disso, começa a “desgostar” dele, tal ação demonstra que ela exerce sua autonomia e de que tem consciência de seu valor moral.

Embora o autor não deixe explícito o que seria esse “esparadrapo” na história de Beatriz, podemos supor a partir da trajetória que o enredo traça para a personagem, que seria uma espécie de curativo. Não um curativo comum, como um simples *band-aid*, mas como um mecanismo de resistência a um amor doloroso, que machuca. O esparadrapo de Beatriz anda junto com o desgostar de Bruno:

[...] Por mais que o bicho-bruno-carpinteiro fosse um bicho-bonito, era um bicho-bruto e isso Beatriz não aceitava de bicho-qualquer. Ela sabia desgostar e desgostava para sempre. Esparadrapo: palavra para nunca se esquecer. O bicho-bruno-carpinteiro não foi só colocado para escanteio, recebeu um decisivo cartão vermelho (LEITE, 2021, p. 38).

Este “esparadrapo” é simbólico, afinal, as feridas causadas pelo “bicho-bruno-carpinteiro” estão no coração e não na pele. Adiche (2017, p. 70), aconselha que se os pais devem falar sobre amor com suas filhas “[...] ensine-lhe, que, para amar, ela precisa se entregar emocionalmente, mas que também deve esperar receber” Leite (2017), inseriu no enredo um trecho em que a personagem conversa com a mãe sobre o bicho-carpinteiro que a deixava curiosa e inquieta, e a mãe não lhe negou explicações “- Filha, o bicho-carpinteiro não é uma doença, é um sentimento dentro da gente” (LEITE, 2017, p. 22).

Nesse contexto, podemos afirmar que a forma como a obra *Esparadrapo* é construída evidencia as relações colonizadoras de gênero (homem em relação à mulher), assim como as posturas descolonizadoras que se relacionam ao feminismo decolonial, na figura da personagem Beatriz.

De acordo com o pensamento de María Lugones em seu artigo *Rumo a um feminismo decolonial* (2014), o feminismo decolonial apresenta reflexões sobre estratégias para questionar e problematizar o sistema e o capital que colonizam a mulher desde os primórdios do capitalismo moderno. Ainda segundo a autora, o *lócus fraturado* é o espaço onde devemos atuar e resistir à colonialidade de gênero:

[...] o lócus fraturado, o movimento consegue manter modos criativos de reflexão, comportamento e relacionamento que são antitéticos à lógica do capital. Sujeito, relações, fundamentos e possibilidades são transformados continuamente, encarnando uma trama desde o lócus fraturado que constitui uma recriação criativa, povoada (LUGONES, 2014, p. 948-949).

Nesse sentido, podemos considerar a literatura para a infância é um espaço que também apresenta propostas emancipadoras, como por exemplo, a personagem Beatriz. Para Lugones:

O “esparadrapo” de Beatriz atua nesse *lócus fraturado* que também se encontra presente no enredo, pois a personagem reforça suas convicções com relação a seus gostos e seus sentimentos diante do pai, do irmão e de Bruno. Beatriz não deseja agradar, mas ser ouvida e compreendida em sua identidade, com seus gostos e suas ações “- A gente só sabe flutuar quando algo é bom para a gente” (LEITE, 2021, p. 32).

Na obra, Beatriz evidencia uma mulher/adolescente com atitudes descolonizadoras, mesmo tratando-se de uma personagem na fase da adolescência. A personagem é expressa em situações desafiadoras que podem resultar em inspiração para seu público e contribuição para a reflexão do poder nas relações de gênero. Em entrevista para o blog Holofote Visual, (LEITE, 2011) esclarece que “Escrever para criança é sonhar junto com ela um primeiro sonho. Fascinação, alumbramento, encantos. Literatura de criança é sonho, não é cartilha. Mais tarde este sonho, se bem sonhado, ajuda a afirmar outros sonhos”.

Observa-se que é preciso pensar em como as personagens estão sendo construídas na literatura, e, se essa construção é benéfica para o processo de socialização de quem a lê, especialmente no ambiente escolar: “Os sentidos precisam estar afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer cotidiano escolar” (LOURO, 2010, p. 59). Assim, é significativo que a literatura seja um dos pilares da formação humana e da construção de uma sociedade mais justa que respeita e valoriza a mulher.

Considerações finais

Ao analisarmos a obra *Esparadrapo* (2021) de Daniel da Rocha Leite, pela abordagem dos Estudos Pós-coloniais/Decoloniais, notamos que a representatividade feminina descolonizadora na literatura para a infância é de extrema relevância, pois contribui para a

quebra de estereótipos negativos como a inferiorização da mulher e conduz os leitores a uma formação mais humana que busca equidade.

Ao longo da narrativa são apresentadas diversas situações que expõem atitudes machistas e colonizadoras dos personagens masculinos sobre a figura feminina, no entanto essas atitudes são questionadas, confrontadas e contrariadas pela personagem protagonista.

Beatriz se mostra destemida mesmo diante da autoridade do pai que expressa surpresa ao ver a filha assistir a uma partida de futebol, contrariando-o. Ela é resiliente diante da frustração de estar apaixonada por um garoto que a trata com deboche durante uma partida, tentando inferiorizá-la por achar que o futebol não é coisa de menina. Também age com resistência, pois não se deixa abater diante de palavras desmotivadoras e não desanima de jogar bola, ao contrário, coloca um “esparadrapo” no coração e pensa em achar outro “bicho-carpinteiro” que realmente a trate com respeito.

Obras como esta podem ser associadas aos estudos do feminismo decolonial que propõe o combate às formas de opressão e inferiorização da mulher, descolonizando atitudes machistas/patriarcais (VERGÈS, 2020; LUGONES, 2014).

Entendemos que ainda que o sujeito em desenvolvimento (criança, adolescente e/ou jovem), em formação, deve ter contato com narrativas que problematizem a figura as relações de gênero, aproximando esses sujeitos de sua própria história e dos seus dramas cotidianos nas relações, possibilitando através da experiência literária uma postura mais ativa e crítica diante das relações sociais, principalmente nas relações de gênero.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas**: um manifesto. Tradução Denise Botteman. 1º ed. 4º reimpressão – São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CANDIDO, Antonio. **Noções de análise histórico-literária**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: Teoria, análise e didática. 6º ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil**: Das origens Indo-Europeias ao Brasil Contemporâneo. 4º ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.

DRUMOND, Carlos. Literatura infantil. In: DRUMOND, Carlos. **Confissões de Minas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. Coleção Polêmicas do nosso tempo. 23ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 1989.

FUNCK, Susana Bornéo. O que é mulher?. Palavra e poder: representações na literatura de autoria feminina, Distrito Federal: **Cerrados**, ano 2011, n. 31, p. 64-74, 3 out. 2011. Anual. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/26036>. Acesso em: 20 mai. 2023.

LEITE, Daniel da Rocha. **Esparadrapo**. Belém: Editora Folheando, 2021.

LEITE, Daniel: **Daniel Leite lança novo livro para público infantil**. Pará, 30/08/2011. Disponível em: <http://holofotevirtual.blogspot.com/2011/08/daniel-leite-e-peso-vero-da-literatura.html>. Acesso em 11 de jan. de 2023.

LOURO. Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 11ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis: Estudos Feministas, ed. 22, ano 2014, n. 3, p. 935-952, 19 set. 2014. Anual. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755>. Acesso em: 20 mai. 2023.

PIZARRO, Ana. **Amazônia**: as vozes do rio: imaginário e modernização. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

VERGÈT, Françoise. **Um feminismo decolonial**. 1ª ed. São Paulo: Ubu, 2020.

ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Ligia Cadermatori. **Literatura Infantil**: Autoritarismo e Emancipação. 3ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1987.